

ANTÔNIO XERXENESKY

As perguntas



Copyright © 2017 by Antônio Xerxesky

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Bloco Gráfico

Ilustração de capa

Vicente de Mello

Preparação

Cristina Yamazaki

Revisão

Ana Maria Barbosa

Thaís Totino Richter

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Xerxesky, Antônio

As perguntas / Antônio Xerxesky. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2954-6

1. Ficção brasileira. I. Título.

17-05521

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Houve uma época em que as noites eram para dormir, um sono profundo, sem sonhos. Eu não consigo dormir. Fico acordado a noite toda, até amanhecer. [...] Neste período, os pesadelos vêm até nós. E, se estamos acordados, sentimos medo.

Ingmar Bergman, *A hora do lobo*

Para Gabriela Castro

e

Em memória de Natalia

ALGUNS ANOS ATRÁS

No começo era difícil: ela acordava gritando, urros tão desesperados que despertavam os pais e o irmão, eles corriam em direção ao quarto dela imaginando uma tragédia ou no mínimo um acidente sanguinolento e a encontravam na cama, com o torso erguido, as mãos apoiadas no colchão, agarrando com força o lençol, as unhas quase rasgando o tecido, e os gritos iam diminuindo até ela entender o que tinha se passado, até compreender e localizar a linha divisória entre o mundo dos sonhos e a realidade, então ela ficava em silêncio enquanto os pais e o irmão perguntavam “o que foi, o que foi?” e ela respondia com uma voz rouca de quem arranhou as cordas vocais que “foi só um pesadelo”, mas ela sabia que a explicação era simplista, que não valia a pena repetir o que contara aos pais nas primeiras vezes que acordou gritando, isto é, que mesmo depois de acordar, continuava enxergando sombras no quarto, e seu pai, do alto do seu cientificismo, explicava que o cérebro demora um pouco para entender que não está mais sonhando, ainda mais quando a pessoa desperta assim, de repente, e que continua projetando imagens residuais do pesadelo.

Era um fenômeno absolutamente normal, contava o pai, todo mundo tem isso, é a mesma lógica por trás de acontecimentos corriqueiros como, por exemplo, enxergar a palavra “banheiro” ou “WC” onde não está escrito porque estamos na rua com muita vontade de ir ao banheiro, e ela respondia ao pai que isso nunca tinha acontecido com ela, nunca enxergou “banheiro” ou “WC”, exceto nos locais corretos, e o pai dizia que era apenas um exemplo de como o cérebro apronta conosco, ele é cheio de truques. Ela perguntou por que então ele e a mamãe não acordavam gritando.

“Porque nós já estamos acostumados com isso”, ele disse.

Ela não perguntou mais nada. Imaginou o pai acordando, vendo uma sombra à distância caminhando em sua direção, e ele descartando a cena com um gesto de “que bobagem”, como se aquilo fosse algo comum, como se não houvesse um momento de descrença na explicação neurológica.

É possível alguém ter tanta fé assim na ciência?, ela se perguntou um dia. Na época, aos treze anos, ela ainda tinha algum resquício de fé em Deus, fazia o sinal da cruz ao passar em frente a uma igreja, imitando a avó, mas sentia que sua religiosidade era apenas residual, algo de hábito, que nunca fora forte, nunca fora relevante, e logo desapareceria por completo. A questão era: quando finalmente abandonasse esses atos míimos que a ligavam a uma religião, finalmente adotaria a frieza científica do pai?

As sombras continuaram a visitando. O pior dia ocorreu aos quinze anos, quando estava numa casa de praia alugada no litoral catarinense. E então, às nove da manhã, ela despertou de um sono tranquilo e gostoso, olhou para o lado, para a cama vazia reservada ao seu irmão, e viu uma sombra deitada na cama, uma sombra humana cuja silhueta lembrava, em altura e volume, a de seu irmão.

Gritou até perder a voz.

Ela tomou aquilo como um sinal. Tinha ido para a praia com a mãe um dia antes, e o irmão chegaria com o pai somente à tarde. Acordar e ver a sombra parecia o presságio de uma tragédia que nunca aconteceu. O irmão e o pai chegaram bem, a salvos, e insistir nessa história soaria como loucura.

Por sorte, a frequência desses acontecimentos foi diminuindo com os anos, até quase cessarem, até ela esquecer do assunto e associar os gritos a um passado adolescente. Além disso, as ideias de seu pai foram ganhando espaço, ela acordava, via as sombras, tomava um susto inicial, mas não se deixava vencer pelo desespero, engolia o grito, escutava em silêncio o coração golpeando com violência a caixa torácica, pensava *é só um truque do cérebro* e esperava a imagem evanescer na luz da realidade.

Às vezes, quando está numa festa e após algumas cervejas, todos entram numa conversa sobre fantasmas, jogo do copo, espíritos, ela cogita comentar as suas sombras, mas geralmente fica em silêncio, pois sente que não está de fato livre delas, que, se trouxer o assunto à tona, talvez na manhã seguinte volte a receber uma daquelas visitas.

DIA

O quarto está terrivelmente escuro, pois a persiana não deixa passar o menor rastro de luz, não há um só ponto luminoso vermelho de uma televisão esperando ser ligada, nenhum equipamento eletrônico em modo de espera, mas Alina sentiu que é hora de acordar, seu sono já não é imagens e sons, mas apenas uma bruma densa onde o corpo parece afundar, e então o alarme do despertador disparou, é um toque que ela tinha escolhido pensando num despertar leve e calmo, mas o som era histérico como qualquer outro que escapa do celular, e a luz do aparelho começou a piscar de forma epilética, e com o braço Alina conseguiu alcançar o monstro e apertar o botão de soneca, permitindo mais dez minutos de sono que sabia que não teria, pois nunca consegue voltar a dormir depois do escândalo do despertador. Ainda assim, permaneceu deitada, a cabeça mergulhada no travesseiro, aguardando o segundo toque, sabendo que o segundo toque indicava sete e quarenta da manhã e que ela não teria escolha a não ser levantar. De olhos fechados, tentou se recordar do último sonho, algumas imagens apareceram na tela escura de sua mente, e logo se arrependeu da tentativa.

Pegou o celular na mão, desativou o alarme, mas continuou ali na cama, criando forças para sair. O que mais a motivava a se levantar não era o risco de chegar atrasada ao trabalho, mas algo que havia lido na internet durante a semana, uma matéria sobre sintomas claros de depressão, que incluía dificuldade de sair da cama e começar o dia, a frase *a manhã é o pior momento para a pessoa deprimida*. Alina não era clinicamente deprimida, não que soubesse, mas às vésperas de completar trinta anos fora tomada por um medo de desenvolver a doença, como um idoso que procura indícios de que está nos primeiros estágios de Alzheimer ou demência.

Por volta das oito da manhã ela enfim se levantou, abriu a porta do quarto, percebeu que a porta da colega de apartamento continuava fechada, escutou um miado do gato que dormia no outro quarto, entrou no banheiro, abriu a torneira de água quente e esperou alguns minutos até a água aquecer, observando litros de água escorrerem pelo ralo, lembrando-se de todas as notícias alarmantes de que São Paulo ficaria sem água caso não chovesse, caso a população não mudasse de forma radical seus hábitos e não economizasse água. A ducha foi rápida e sem prazer. Alina retornou ao quarto enrolada na toalha e, por algum motivo, não acendeu a luz. Fechou a porta e ficou no escuro por um tempo, gotas de água escorrendo do cabelo e pingando no chão, sentindo o cheiro um pouco rançoso de um quarto que costuma permanecer fechado durante a semana toda, e tentava discernir a silhueta da cama, do armário, sentindo-se uma invasora num local povoado de fantasmas.

No ônibus, quase nove da manhã, Alina de pé, apoiou-se com a mão esquerda na barra de ferro e ficou mexendo no celular com a direita, vendo uma sequência de fotos de diferentes pessoas numa lista vertical, todas as festas que perdeu na noite anterior, sua amiga bêbada em alguma cobertura em Londres, a imagem de uma praia de mar azul do Nordeste, que com certeza fora tirada ontem ou até mesmo antes, mas postada apenas agora, um protesto no Recife contra alguma atitude política sobre a qual Alina não sabia muito, uma foto de cinco minutos atrás com filtros que dão um ar antiquado a uma imagem do nome da pessoa escrito em um copo plástico de café, e Alina se deu conta de que saíra correndo de casa sem tomar café da manhã. O ônibus brecou de repente e ela quase perdeu os fones de ouvido. Na avenida Paulista, desceu um ponto antes, caminhou até o Starbucks e, após enfrentar uma fila de estrangeiros, conseguiu pedir um bolinho e um balde de café que ela esperava conter poderes mágicos de suspender o peso opressor do sono que pairava sobre seus ombros. Saiu para a rua, soprando o líquido pela fresta no

copo de isopor enquanto caminhava. Um dia ela achou que tomar café em movimento era muito chique, muito elegante, e nos primeiros meses após ter se mudado para São Paulo sentia-se como nova-iorquina mesmo sem nunca ter visitado os Estados Unidos. Agora, experimentando o vento matinal, pensando no quanto estava atrasada para o trabalho, o tempo que teria que ficar a mais no seu cubículo por causa dessa demora, ela se sentia completamente idiota. Alina queimou sua língua com o café fervente, quase derramou o conteúdo do copo no vestido azul ao desviar de pessoas com uma prancheta na mão que diziam só *uns minutinhos* e *oi você pode responder a essa pesquisa rápida?*, e pensou por que ainda fazia isso, por que não tomava um café sentada, com calma, por que insistia em beber café em movimento, por quanto tempo ainda acharia aquilo algo elegante, sofisticado.

Alina entrou no edifício, passou o cartão que liberava a catraca, subiu ao vigésimo primeiro andar, o elevador vazio; afinal as pessoas não costumam se atrasar, pelo contrário, são capazes de organizar sua vida, até mesmo quem tem filho pequeno para deixar na escola, até essas pessoas conseguem tomar café da manhã saudável e tranquilo, e Alina saiu do elevador e pressionou o dedo contra o retângulo verde do controle biométrico que abre a porta de entrada do escritório, a máquina cuspiu um papel e ela leu seu nome seguido do horário 09:45:34, que significava que ela teria de ficar no seu cubículo até 18:45:34, e que se saísse um minuto antes haveria desconto no seu salário. Não que ela costumasse sair antes, pelo contrário, como dependiam do envio de material por parte dos clientes, inúmeras vezes fazia hora extra até de madrugada, mas, mesmo se saísse nesse horário específico calculado pela máquina, provavelmente chegaria em casa quase às oito da noite, cansada, seu dia teria se esvaidado, nada de interessante teria acontecido, e a exaustão a dominaria de tal forma que a deixaria sem forças para qualquer coisa além de passar

no supermercado ou na padaria para arranjar algo barato para comer enquanto assistia a alguma série antes de dormir no sofá.

Cumprimentou a secretária e passou pela estagiária que fazia cópias na máquina de xerox. Fora isso, não encontrou mais ninguém até chegar ao seu cubículo cinza, jogou a bolsa sobre a mesa e ligou o computador, tomando os últimos goles de café, agora numa temperatura aceitável, enquanto o símbolo do Windows aparecia na tela. Abriu duas janelas do navegador: numa, conferiu o e-mail de trabalho, a caixa de entrada com dez e-mails que ela preferiria não ler; em outra, seu e-mail pessoal, que ela não tinha conferido no celular durante a viagem de ônibus, e que trazia duas novas mensagens na caixa de entrada, uma de um amigo mandando um link de YouTube para a música nova de uma banda da qual ela gostava, e a outra que fez Alina sentir um arrepião pelo corpo inteiro antes mesmo de abrir a mensagem e que transmitiu o sentimento de que, ao contrário do que aquele início de manhã indicava, aquele dia não seria como qualquer outro.